

filosofia da libertação dos povos latino-americanos: uma filosofia em tempos de cólera¹

Diego Miranda Aragão; UVA; rua.diego@hotmail.com

Resumo: Uma Filosofia construída desde o ponto de vista de nossa história, ou seja, da dos povos latino-americanos assim se apresenta caso seja capaz de construir um pensamento original e autônomo. Para cumprir esse desafio, é necessário, primeiramente, rastrear quais os elementos de Colonialidade (do ser, do saber e do poder) presentes em nossa história. Os objetivos dessa pesquisa constituem-se em tentar rastrear alguns recursos utilizados pela Modernidade Europeia para a dominação de outros povos e vislumbrar perspectivas de libertação a partir da construção de uma filosofia contra-hegemônica (a latino-americana), representativa do nosso ser e da nossa história. Para tal, foi utilizada a pesquisa teórico-bibliográfica, de caráter exploratório e embasada em estudos desenvolvidos no Grupo de Estudos Decoloniais, vinculado ao Laboratório de Arte Contemporânea (LAC) e ao Programa de Educação Tutorial do curso de Comunicação Social (PETCom) da Universidade Federal do Ceará (UFC), bem como a pesquisa em sítios da internet sobre assuntos correlatos ao tema e reflexões pessoais. Como resultado dessa pesquisa, entendemos que a colonização europeia apresentou-se sob múltiplas faces de dominação, a mais subreptícia foi a colonização do conhecimento, pois os elementos mais subterrâneos dela ainda não foram captados, em profundidade, pelas diferentes correntes de pensamento crítico. Dessa forma, o epistemicídio apresenta-se como o núcleo irradiador e mantenedor do genocídio e do etnocídio das populações dominadas. Tentar erguer processos de libertação, por sua vez, exige originalidade e autonomia para utilizar-se da construção de uma filosofia dos povos dominados cujas tarefas sejam a reescrita do passado e a edificação de uma nova Filosofia, capaz de integrar diferentes saberes e histórias confluentes, sem a ótica da dominação.

Palavras – chave: Filosofia da Libertação; Colonialidade; Modernidade; Epistemicídio; Originalidade.

1 . JUSTIFICATIVA

Quando do ingresso no curso de Filosofia, fui-me à busca de grupos de estudos para aprofundamento em determinada corrente de pensamento filosófico. Ao realizar essa busca, encontrei o Grupo de Estudos Descoloniais no curso de Filosofia da UVA. Com a participação nele, passei a enxergar a relevância de estudos cujos matizes não eram europeias, mas reportavam-se a autores latino-americanos. Com a sugestão do professor coordenador do grupo, passei a integrar grupo similar desenvolvido no curso de Filosofia da UFC.

À medida que avançava nas leituras e nos debates nos grupos de estudos citados, aumentava a inquietação pela percepção crescente de que boa parte do pensamento filosófico, desenvolvido em nossas Universidades, reproduzia uma Filosofia (europeia)

¹ Alusão à obra “Amor nos tempos do cólera”, do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Explicitarei ao longo do tópico “Reflexões e Discussões” a metáfora e a analogia com a referida obra.

cujas pretensões eram universais. Tal percepção me permitiu enxergar que havia um pano de fundo por trás dessa pretensão de universalidade, isto é, outros elementos (geopolíticos, econômicos, sociais) convergiam para que assim ela se apresentasse.

Dessa forma, desde então, passei a me colocar com a tarefa de realizar estudos que iam de encontro a essa arquitetônica de dominação epistemológica, de tal forma que nasceu o desejo, por exemplo, de construir trabalho monográfico sobre uma Filosofia latino-americana e tentar captar como se pode construir a necessidade do ensino de uma proposta filosófica como essa em contextos de países de capitalismo dependente.

2. OBJETIVOS E METODOLOGIA

A presente pesquisa propõe-se a apresentar alguns elementos de uma Filosofia desde um ponto de vista da América Latina. Pensamento que pretende corporificar a voz de sujeitos há muito silenciados e que passaram por processos de colonização. Afirmamos a construção de um pensamento a ser desenvolvido a partir da história dos povos latino-americanos, mas que não se reduza a uma Filosofia da História² de cada povo. Ao contrário, que ultrapasse os limites impostos pelo pensamento moderno, reivindicador de uma universalidade filosófica. Esta, não raro, é imprópria e inadequada à constituição histórica de países não-europeus. Afinal, as elaborações teóricas estrangeiras são contextualizadas e situadas dentro da história de cada povo ou continente³. A dificuldade de tradução de termos filosóficos europeus para nossa língua reside muito nessa questão por exemplo.

Nossa proposta apresenta a reivindicação de uma originalidade do pensamento a partir de nossa história, de povos colonizados, uma vez que pretende ir às origens da dominação de nossos corpos (erótica), de nossas mentes (pedagógica) e de nossa história (política). Ao realizar esse percurso genético, não pretendemos afastar ou negar a interlocução com que se consolidou como tradição do pensamento filosófico ocidental.

Para tal empreitada filosófica, utilizar-nos-emos de uma abordagem de pesquisa com caráter qualitativo e de natureza exploratória acerca dos temas que perpassarão a proposta de pesquisa. A abordagem qualitativa escolhida justifica-se, preponderantemente, pelos fundamentos epistemológicos, não por um método de pesquisa adotado. Afinal são “várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.” (SEVERINO, 2007, p. 119).

Nesse sentido, por meio dessa abordagem, pretendemos realizar uma metodologia de trabalho cujos pilares sejam a interdisciplinaridade, a originalidade e a criatividade. Todos eles remetem-se muito mais a bases epistemológicas, que propriamente a uma forma de apresentação do conhecimento. O uso da interdisciplinaridade, por exemplo, reside no fato de que a proposta de uma filosofia latino-americana busca, na interlocução com diferentes áreas do saber humano (Sociologia, Antropologia, Economia, História,

² Assim poderíamos cair na “cilada” de realizar uma Antropologia Filosófica excludente da possibilidade da reivindicação da Filosofia de cada povo que se apresentem como próprias, mas negadoras de outras. A proposta é apresentar Filosofia(s) comunicantes e interseccionantes, não marcadas pelo crivo da dominação. Não se pretende, em suma, construir um pensamento xenófobo em relação às diversas experiências filosóficas em cada país.

³ Afirmar uma Filosofia com a pretensão de universalidade e com as marcas da atemporalidade e da inespacialidade é reproduzir o pensamento euromodernidade, construído sob esses pressupostos. No entanto, devemos realizar a ressalva de que o pensar de forma situada não é o único crivo de validade para o conhecimento, mas o preponderante para os moldes de nossa proposta. Absolutizar os contextos históricos e sociais como fatores exclusivos das elaborações teóricas seria realizar um sociologismo, o que não pretendemos por certo.

Literatura), a construção original e criadora de conceitos próprios referentes a uma identidade histórica comum entre nossos povos.

Por fim, afirmamos que tal identidade histórica comum alicerçar-se-ia em outras bases de conhecimento, que não as orientadoras do pensamento moderno, gerador do saber científico. Por isso, afirmamos ser o método da pesquisa uma questão epistemológica, uma vez que a pretensão de universalidade, introjetada nos pensamentos moderno e científico, “é o resultado de uma intervenção epistemológica que só foi possível com base na força com que a intervenção política, econômica e militar do colonialismo e do capitalismo modernos se impuseram aos povos e culturas não-ocidentais e não-cristãos.” (SANTOS, 2009, p.10)

3 . REFLEXÕES E DISCUSSÕES

Vou fazer cem anos, e já vi mudar tudo, até a posição dos astros no Universo, mas ainda não vi mudar nada neste país – dizia. Aqui se fazem novas constituições, novas leis, novas guerras cada três meses, mas continuamos na Colônia. (fala do personagem Leão XII, de “Amor nos tempos do cólera”)

O excerto que abre esta seção remete a um imaginário de um personagem literário que expressa, em boa medida, o contexto de dependência e de exploração por que passaram os povos latino-americanos. A percepção histórica de tal indivíduo expressa uma posição que denota a visualização de um estado inalterável das estruturas sociais ao longo do tempo. Dialogamos com essa fala e arrematamos a compreensão da condição de inalterabilidade do próprio tempo histórico. O tempo é implacável, irreversível. “O tempo é a irreversibilidade dos acontecimentos. O *tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais*. Todo acontecimento é irreversível *do mesmo modo*”, ou seja, o que se altera não é o tempo, mas “o *ritmo* da alteração das estruturas sociais” (HELLER, 2016, pp. 15-16)

Nesse sentido, a percepção da passagem do tempo radica-se na detecção mais ou menos lenta ou rápida de alteração das estruturas sociais. São estas as figuras responsáveis por tal percepção. Ora, o percurso da história dos povos é melhor percebido quanto mais os elementos recorrentemente presentes na cotidianidade tornam-se referenciais para as grandes ações relatadas nos livros oficiais de História. Por isso, Gabriel García Márquez, na Literatura, pode apresentar elementos que contribuem para uma compreensão do “ser” latino-americano tão bem quanto constructos teóricos de autores da Filosofia.

O cotidiano revela as particularidades desses personagens que vivem “em tempos de cólera”, que são seculares. Tempos marcados pela exploração, pela sevícia e pela dominação europeia e, posteriormente, estadunidense. “Cólera” refere-se não só as patologias que nos foram legadas pela invasão europeia em nossos territórios, mas também aos diversos processos de violação (catequização, trabalhos forçados, genocídio etc.) a que fomos submetidos.

Necessário, portanto, contarmos a história da humanidade a inserir a história dos povos dominados, não no sentido de reproduzir a narrativa oficial eurocêntrica, que se propôs a falar de si mesma como a detentora de um saber universal. A europeidade é um discurso da *ipseidade*, do Mesmo que fala a partir de si e pretende universalizar-se. Tal postura “é a dimensão privilegiada do Ocidente greco-romano (e sua possibilidade de universalização) – como intenção de retirar a *alteridade* da Natureza que, estranha e prévia, surpreende e marca a identidade imediata que é o *mesmo* do Eu humano.”

A nossa proposta, ao contrário, constitui-se em um movimento de contar a história

pelo que não se tornou fato histórico a partir da configuração de um pensamento genuinamente da América Latina é “preciso encontrar um lugar para ela na História Mundial, partindo da sua pobreza, e, assim, descobrir sua realidade oculta.” (DUSSEL, 1995, p. 14). Parte-se aqui não de uma Modernidade nascida de uma pretensão de universalização de determinado bairro do mundo, mas do reconhecimento de diferentes histórias e, dessa forma, diferentes visões de mundo (leia-se Filosofias) de cada povo historicamente construído.

Para tal proposta, o conceito de transmodernidade é uma ferramenta imprescindível como construtora de um horizonte de sentido e de limites para o pensamento de cada região. Tal categoria conceitual contrapõe-se a ideia de Modernidade cuja outra face é a colonialidade e também não pretende identificar-se com o que denominou de pensamento pós-moderno. Conforme nos afirma DUSSEL, transmodernidade “indica todos los aspectos que se sitúan “más-allá” (y también “anterior”) de las estructuras valoradas por la cultura moderna europeo-norteamericana, y que están vigentes en el presente en las grandes culturas universales no-europeas y que se han puesto en movimiento hacia una utopía pluriversa. (2005, p. 18)

O olhar transmoderno a respeito da história, nesse sentido, constitui-se como o reconhecimento de histórias e de culturas milenares de povos não-europeus capazes de produzir epistemologias e discursos não centrados nos valores e nas categorias próprias da euromodernidade⁴. Assim como foi realizado pela Europa, o pensar latino-americano não pode se furtar a categorias fundantes da nossa história, tal como a dependência, a superexploração e o subimperialismo⁵. Seguindo essa via, a principal pergunta de uma hermenêutica filosófica, por exemplo, seria questionar-se sobre as possibilidades da construção de tal narrativa filosófica a partir dos cânones do pensamento filosófico ocidental cuja gênese é o mundo heleno-românico e o apogeu é a Filosofia Moderna Europeia⁶.

Partimos da tese de que esse caminho escolhido não encontra vazão, uma vez que a Modernidade é face do projeto da colonialidade cujo momento antecede a formulação do cogito cartesiano. O “eu conquisto” (de Cortez ou Pizarro) precede e engendra o “eu penso”. Isso significa que o pensamento estava a serviço da empreitada colonial, o que inviabiliza o uso das mesmas bases filosóficas para um projeto contra-hegemônico.

No entanto, essa rejeição de um papel meramente assimilativo (da Filosofia Europeia) por parte de nossa filosofia não abdica de processos criadores e inventivos que realizem uma espécie de “antropofagia conceitual”. Nesta utilizar-nos-íamos de elementos teóricos da tradição europeia e mesclaríamos a conceitos próprios, forjados a partir da nossa história. Tal postura representa um “pensar categorialmente”, ou seja, uma

⁴ Como pensar modernamente a partir da América Latina se não realizamos revoluções tipicamente burguesas? Por isso, como nos fala FERNANDES, “a ordem social escravocrata e senhorial suportou longamente o impacto de tensões geradas” [...] quer da irradiação do mercado capitalista, a partir das cidades, e da expansão interna do capitalismo” (1975, p. 198). A ascensão de uma classe dita burguesa no Brasil, por exemplo, conviveu um bom tempo com a ordem escravocrata pela construção original da nossa história econômica.

⁵ Temas centrais para entender como se realizou o desenvolvimento dos países latino-americanos. As contribuições de MARINI (2011) são importantes nesse debate, uma vez que para este sociólogo brasileiro, “a história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento do sistema capitalista mundial” (p. 73)

⁶ Fazemos questão de chamar de Europeia à Filosofia Moderna, uma vez que sem os processos históricos e sociais (Grandes Navegações, Mercantilismo, exploração de minérios nas colônias) que garantiram uma hegemonia econômica à Europa não seria possível estabelecer-se também a hegemonia epistêmica dessa mesma Modernidade. Na esteira de QUIJANO, afirmamos que “la colonialidad del poder y la dependencia histórico-estructural, implican ambas la hegemonia del eurocentrismo como perspectiva de conocimiento.” (1997, p. 117).

“intención epistémico-teórica que no se limita a copiar categorías o conceptos, sino que intenta hacer una incorporación problematizadora y resemantizante en un corpus categorial nuevo”. A consequência de tal metodologia é a de que, “como la realidad pensada con la anterior categoría no es la misma, por ello la intención epistémica deviene inevitablemente em una transformación del contenido anterior del concepto o la categoría”, o que vem a evidenciar “el nuevo contenido del concepto o categoría sea pertinente a la realidad tematizada” (2014, p. 22)

Diferentemente de uma narrativa filosófica latino-americana, a Europa obteve êxito em tornar-se uma voz oficial de um pensamento autodenominado universal ao longo da História. Tal fato deve-se, em parte, à construção histórica como uma comunidade de falantes-ouvintes cujo discurso filosófico tornou-se hegemônico. Dessa forma, para sermos exitosos na construção de uma filosofia genuína, faz-se necessário encontrarmos um modo de filosofar propriamente latino-americano conforme nos fala DUSSEL:

Da nossa parte, como latino-americanos participantes de uma comunidade de comunicação *periférica* – dentro da qual a experiência da “exclusão” é um ponto de partida (e não de chegada) cotidiano, isto é, um *a priori* e não um *a posteriori* – nós precisamos obrigatoriamente encontrar o “enquadramento” filosófico dessa nossa experiência de miséria, de pobreza, de dificuldade para argumentar (por falta de recursos), de ausência de comunicação ou, pura e simplesmente de não-fazermos-parte dessa comunidade de comunicação hegemônica. (1995, p. 60)

O pensar categorial e a ideia de transmodernidade são importantes ferramentas para a construção dessa comunidade de falantes desde um ponto de vista da nossa história. O primeiro por realizar uma assimilação criativa de categorias oriundas do pensamento filosófico europeu, enquanto o segundo por respeitar e manter as diferentes (mas confluentes e interseccionantes) histórias (ameríndia, islâmica, chinesa, etc.) enquanto constituidoras de epistemologias, de sentidos e de significados próprios de cada povo.

Somado a esses elementos, a noção de pensamento original e autônomo avulta na construção de uma filosofia latino-americana. Originalidade e autonomia, por sinal, são porta-vozes antigos da vocação filosófica por excelência. Afinal, desde os gregos, a Filosofia nasce como a problematizadora das bases que sustentam a ordem vigente em prol da liberdade do pensamento e contra a tirania.

Por fim, afirmamos não existir libertação sem uma racionalidade da mesma forma. Assim, a Filosofia da Libertação Latino-americana exige esforços intelectuais capazes de articular conceitos que estejam a altura da tarefa política contra-colonizadora, ou seja, de “todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações, os modos de vida praticados nesses territórios.” (SANTOS, p. 35, 2019).

Dessa forma, reconhecemos a exigência de um pensar original a partir de nossa história como ferramenta de luta e de resistência de nossos povos e, especialmente, das camadas pauperizadas. O pensar original assim se apresenta “não por superar sua posição - o que é impossível -, mas precisamente por dar forma e consistência a este tempo e apresentar uma revisão crítica das questões de sua época, aí tendo *origem*.” (GOMES, 1994, p. 21). A originalidade reside nisto: em responder os problemas concretos do presente. Estes, por sua vez, originam-se num passado colonial (no nosso caso) que insiste em se manter e se reproduzir no presente por não ter tido o enfrentamento necessário para o correto entendimento dele e, conseqüente, tentativa de proposição de alternativas.

(IN) CONCLUSÕES

Não esperamos ter chegado a conclusões a respeito desse tateio de reflexões acerca de uma proposta de uma Filosofia Latino-americana. Afinal, além de a pesquisa encontrar-se em estado germinal de construção, tal proposta não pretende estabelecer uma normatividade acerca do que seja filosófico ou histórico na constituição dos povos. Em verdade, pretendíamos lançar alguns elementos de reflexão sobre a ausência das vozes latino-americanas dentro do discurso filosófico ocidental e apontar o grau de hegemonia da narrativa europeia nesse contexto de construções.

Assim, esperamos ter construído um trajeto que tenha apresentado elementos mínimos para a compreensão da Modernidade enquanto projeto da colonialidade dos nossos povos, bem como recursos para rastrear alguns dos instrumentos a partir dos quais esse projeto realizou-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação – crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 1995.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Zahar, 1975.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. São Paulo: FTD, 1994.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

MARQUEZ, Gabriel García. **O amor nos tempos do cólera**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2018.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais – Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos – modos e significações**. Brasília: AYO, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa e MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SEGALÉS, Juan José Batista. **¿ Qué significa pensar desde América Latina? Hacia una racionalidade transmoderna y postoccidental**. España, Madri: Ediciones Akal, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

STEDILE, João Pedro e T. Roberta (orgs.). **Ruy Mauro Marini – vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.